

ENTREVISTA COM O PROF. DR. JÖRN RÜSEN REALIZADA NO KULTURWISSENSCHAFTLICHES INSTITUT-NRW, ESSEN, ALEMANHA EM 20.2.2008, CONDUZIDA PELO PROF. DR. LUIZ SÉRGIO DUARTE DA SILVA/ UFG

E-mail: Duarte@fchf.uf.br

Duarte: O senhor poderia, por favor, fazer um balanço do trabalho do Centro de Investigação Interdisciplinar de Bielefeld, no final dos anos 80 e início dos anos 90?

Rüsen: Eu só posso falar sobre o tempo durante o qual eu estava ainda na Comissão Executiva do Centro de Investigação Interdisciplinar (ZfIF). Não pode haver uma síntese do conteúdo, porque as questões no tema de recurso ZfIF estão constantemente mudando e são muitas as diferentes áreas da ciência com as quais ele se ocupa. Quando se fala de um balanço, então podemos realmente dizer: tratava-se de encontrar um foco temático para tornar interessantes e inovadoras as constelações de disciplinas. Devem ser temas de fácil sobreposição. Essa é a natureza do ZfIF que é totalmente aberta a todas as disciplinas. E no momento em que eu estava lá na Comissão Executiva, estivemos envolvidos com diferentes grupos de pesquisa. Eu mesmo por um ano dirigi um grupo de pesquisa sobre o tema: "o sentido histórico da educação", com psicólogos, historiadores, historiadores da arte, filósofos, etnólogos, estudiosos do islamismo e sinólogos. Este é um exemplo de uma pesquisa sofisticada na ZIF. Lá você também pode organizar de alguma forma, pequenas reuniões ou grupos de conferência. Assim, tivemos no momento em que eu estive lá, fizemos uma seqüência de reuniões menores, que no seu conjunto produziu uma "história do pensamento histórico moderno" que depois foi publicada em cinco volumes.

Duarte: O que é pesquisa interdisciplinar?

Rüsen: O trabalho interdisciplinar vem depois que certas questões são tratadas por várias disciplinas. O que se quer é evitar uma visão unilateral. Tomemos, por exemplo, "a teoria da narrativa" ou o tema de "a narração". Se alguém quiser estudá-los seriamente, então você precisa de linguistas, literatos, historiadores, psicólogos, sociólogos, antropólogos e filósofos. Somente quando essas diferentes disciplinas em conjunto produzirem uma leitura do problema a partir de um diálogo produtivo surgirá o trabalho interdisciplinar.

Duarte: A respeito da pesquisa sobre narrativa, O Sr. trabalhou durante um bom tempo com Baumgartner e com ele produziu uma teoria da narrativa articulada à teoria da

história. Ele morreu muito jovem, certo?

Rüsen: Não, não muito jovem. Michael Baumgartner é na verdade um filósofo, um discípulo de Hermann Krings. Ele escreveu sua Habilitação sobre "Continuidade e História". Nesse texto ele mostra que o pensamento histórico é sempre determinado por representações sobre um contexto trans-temporal, que pode ser chamado de continuidade. Ele deixou claro que a idéia de continuidade cria uma estrutura narrativa. Sem recorrer à estrutura narrativa, não se pode compreender o que é história. É o que eu aprendi com ele. Isso era novo para mim. Eu fiz um doutorado sobre Droysen e eu era muito tradicional na teoria da história, ou seja, trabalhei com os clássicos, com Hegel, com os neo-kantianos, me ocupei com Max Weber e a teoria da historicidade. O pensamento histórico tem uma estrutura narrativa, e só pode ser realizado através desta estrutura, disso eu não sabia e isso aprendi com Hans Michael Baumgartner.

Duarte: A narrativa é um tipo de explicação?

Rüsen: Sim.

Duarte: O Sr. poderia ser mais específico sobre isso?

Rüsen: Esta tese é defendida por Arthur Danto, em "Filosofia Analítica da História". Lá ele demonstrou brilhantemente que narrar uma história, é um processo de explicação e que esse modo de explicação possui uma lógica diferente daquelas que se referem às intenções ou à leis gerais.

Duarte: Danto ampliou o conceito de ciência. Então, o senhor acha que devemos integrar o conceito de interpretação na teoria da ciência. O que o senhor pensa sobre isso?

Rüsen: A filosofia da história de Danto foi um passo crucial para pensar a particularidade do pensamento histórico. As tentativas de explicar o pensamento histórico segundo modelos de racionalidade de outras ciências falha. Se você enxerga narrativa como explicação, como um ato racional e não reduz explicação e produção da verdade aos procedimentos nomotéticos, então, o conceito de ciência tem que incorporar as "ciências do espírito". Em inglês o termo "ciência" tem um significado muito mais estreito.

Infelizmente, porém, essa descoberta da estrutura narrativa por Danto na teoria da história levou a um mal-entendido sobre a questão de racionalidade e da cientificidade da história. A produção historiográfica considerada a partir de sua estrutura narrativa passou a ser entendida exclusivamente como objeto literário, poético no sentido de doação de sentido e não como ato de explicação, com sua racionalidade própria. Esse é o

caminho que liga Arthur Danto e Hayden White. Nesse percurso a racionalidade própria, o caráter retórico da história, foi perdida.

Duarte: Então esse é o significado da matriz do pensamento histórico moderno, precisamos olhar para ele sistematicamente. Não só a partir de uma estética ou de uma epistemologia, de uma metodologia ou uma ética, mas levando em consideração todos os seus ângulos.

Rüsen: Sim. Você tem que enxergar a complexidade do tema e abordá-lo analítica e estruturalmente. A teoria da história nos últimos cinquenta anos passou de uma situação cuja ênfase estava em tentar comprovar sua racionalidade e objetividade para uma outra situação que lhe nega qualquer uma dessas características. A virada para a narrativa fez com que perguntas sobre método, validade, autenticidade, funcionalidade e objetividade fossem esquecidas. E isso é lamentável.

Duarte: A partir das Ciências da cultura, como encarar a diferença entre explicação e compreensão?

Rüsen: A diferença entre explicação e compreensão se fez no século XIX e tem sido desenvolvida para diferenciar a singularidade do pensamento histórico do pensamento da ciência. Quem se tornou famoso com essa diferença foi Wilhelm Dilthey, mas o primeiro que formulou essa questão epistemológica foi Johann Gustav Droysen. O problema com esta distinção é que ela entende explicação e compreensão como opostos, e isso é um erro. A compreensão é uma forma de explicação. Não há compreensão que não explique. Assim, o termo mais geral é explicação. Explicar é a resposta a uma pergunta sobre o por que. Primeiro vem uma pergunta sobre por que algo foi feito e depois vem a resposta, uma explicação.

E se a minha pergunta se dirige para sujeitos e suas ações, para pessoas e suas vidas, só contextualmente posso entender consentimentos e sofrimentos. Eu só posso explicar compreendendo esses contextos. Se eu não proceder assim perderei o que é decisivo e constituinte da vida humana: explicamos compreendendo. Em outras palavras, no campo dos estudos culturais, então, as perguntas são respondidas por recurso sistemático aos contextos em que as pessoas vivem, sofrem e agem.

Duarte: O que é didática da história?

Rüsen: Didática da história é a ciência do ensino da história.

Duarte: Quando o senhor escreveu sobre ensino de história, não tinha apenas a ver com a técnica de ensino, mas também colocou a questão da função do pensamento

histórico na modernidade...

Rüsen: Nossa didática da história é o campo do ensino acadêmico ou a instituição acadêmica que se dedica aos problemas nascidos das necessidades, experiências e competências daqueles que estão dispostos a dar aulas de história. Portanto, há uma didática da história porque há ensino de história. O decisivo é a formação da consciência histórica na sociedade contemporânea. A didática da história trata de todas as formas da consciência histórica e, em especial, daquelas formas que se desenvolvem através de processos formais de ensino-aprendizagem. Mas isso é completamente diferente do comum entendimento de didática da história como a disciplina da intermediação ou transmissão da história. O erro está em pensar que exista algo chamado história e outra coisa que seria a sua transmissão ou comunicação. O aprendizado da história acontece em todo lugar, na mídia, nos museus, na cultura popular. A categoria central é consciência histórica e não transmissão histórica. A consciência histórica não pode ser transmitida ela só pode ser formada, cultivada.

Duarte: Há então um problema de comunicação intercultural, porque há muitos tipos de consciência histórica...

Rüsen: Isso nos leva ao problema da experiência e da aprendizagem. Um exemplo: na década de 70, chegou à Alemanha a história das mulheres. Ela chega cheia de eurocentrismo. Não se sabia nada sobre mulheres chinesas, indianas muçulmanas. Mas a pesquisa tinha um caráter intercultural no sentido de que uma cultura masculina, patriarcal, machista, uma forma do pensamento histórico foi confrontada. Isso é interculturalidade. Há outras: católicos e protestantes, cristãos e muçulmanos. Na década de 50, quando eu estava na escola me sentia um peixe fora d'água sendo um aluno protestante em uma região católica. Era uma cultura diferente. A magnitude da experiência dessas diferenças se amplia no mundo globalizado. Estão em contato cada vez mais lógicas distintas de aprendizagem histórica. A consciência histórica é o lugar onde os indivíduos e os grupos são formados em torno de coisas como as idéias de pertencimento ou o que chamamos de identidade. E isso significa que, a adesão a uma posição implica uma maior diferenciação diante das demais. As opções são limitadas. Sem esses limites as pessoas não podem viver culturalmente. Diferenças é o que produzimos. Mas não é só o que produzimos. A aprendizagem intercultural se dá quando essas diferenças se constroem de modo que a alteridade do outro não é naturalizada e é reconhecida enquanto tal. Sobre isso mais um exemplo: na Europa, tem sido a forma dominante de aprendizagem

histórica a noção de pertencimento nacional. Com o processo de integração europeia os currículos do ensino de história e os livros de história estão sendo europeizados. Mais que isso, devemos superar também o eurocentrismo e caminhar em direção a um universalismo humanista. E isso não se faz sem teoria da história.

Duarte: Por quê?

Rüsen: Bem, por que precisamos de uma clara concepção teórica de humanidade como categoria histórica. E nós não temos. Na origem do pensamento histórico moderno, no final do século XVIII e início do XIX havia uma categoria histórica da humanidade formulada por Herder, Kant, Humboldt, e certamente no Iluminismo Francês e Inglês. Isso foi perdido ao longo da racionalização do pensamento histórico, no século 19. E agora temos de trabalhar duro novamente. Nós não podemos simplesmente voltar para a ideia clássica da história universal assim como exposta por Kant no texto "Idéia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita". Temos de pensar em termos comunicativos, relacionais e discursivos. Deverá ser um ato comunicativo entre representantes de diferentes tradições. Assim, por exemplo, entre Brasil e Alemanha, entre os chineses e indianos, entre japoneses e africanos, etc, etc. O trabalho principal ainda não está feito.

Duarte: Qual seria um bom relacionamento entre a sociedade civil e a religião? Entre filosofia e religião? O que significa preservar um espaço para o impensável?

Rüsen: Essas são três questões muito diferentes. O impensável é um problema filosófico de extrema dificuldade. De novo um exemplo para ajudar. Em "Ciência como vocação" Max Weber levantou a questão sobre de onde provém o progresso científico. A sua resposta é: ele não vem das regulamentações metodológicas dos processos de investigação, mas dependem de intuição, imaginação, iluminações, ideias repentinas. Esses verdadeiros acidentes ocorrem em um domínio que está além do pensamento e do conhecimento. Esse é o sentido do impensável. Se pode elaborar melhor essa ideia com a ajuda da filosofia da história e da teoria do conhecimento. Mais isso demoraria muito e é muito complicado. Em qualquer que seja a história o sentido se mostra dependente de domínios não acessíveis a ele, sentido. Essa intensividade, essa realidade última tão próxima e tão distante, ao mesmo tempo, é impensável e isso é um problema fundamental da filosofia da história.

Sobre o tema da relação entre sociedade civil e a religião, vou apenas dizer que a vida de uma sociedade secular moderna civil é uma conquista histórica mundial de

importância única. É a única forma de vida social que permite a convivência pacífica de diferentes religiões. O secularismo é a condição para a liberdade religiosa. A questão é se a sociedade civil necessita de elementos religiosos para sua manutenção. A maioria da intelectualidade expressa a opinião de que o secularismo pode viver por si mesmo. Quanto a isso sou cético. O certo é que após séculos de sangrentas guerras religiosas descobrimos o valor da tolerância e do espaço público não religiosamente controlado. Saímos de universalismo excludente mas temos dificuldades com formas inclusivas dele. Construir identidades e comunidades inclusivas, eis a tarefa. Infelizmente o que assistimos hoje é exatamente o contrário. Por todos os lados o que temos são as variadas formas do fundamentalismo.

Duarte: Rösen, o senhor descreveria os últimos 20 anos de história alemã a partir da categoria de perda de paradigmas?

Rösen: Acho uma boa categoria. Será que assistimos uma mudança de paradigma? Fala-se de uma virada cultural e antropológica. Mas isso é um paradigma? Acho que não. Paradigmas são a história social ou historicismo clássico do XIX. Mas poderíamos pensar no significado paradigmático da pluralidade e da diversidade. Mas podemos avançar ainda mais e pensar sobre onde estariam as questões realmente relevantes para o nosso tempo. É aí que aparece a relevância da história global de Jürgen Osterhammel.

Duarte: depois de seus estudos sobre a *Historik* de Droysen e da montagem da sua própria teoria da história o Sr. passou a estudar as diferentes idéias de tempo de desenvolvidas pelas diferentes culturas.

Rösen: Falaremos sobre o projeto do humanismo?

Duarte: sim.

Rösen: O projeto do humanismo não é um projeto histórico. Tem uma perspectiva histórica, mas é também filosófico, político, psicológico. É decididamente interdisciplinar. A componente histórica é, certamente, forte. Eu diria que é uma tentativa de seguir este caminho sugerido de uma nova perspectivização do pensamento histórico a promover novos conceitos de história universal. Queremos submeter a uma revisão a tradição do humanismo ocidental. A partir de uma perspectiva comunicativa desejamos colocar em contato as diversas tradições humanistas. Cruzamentos proporcionados, semelhanças localizadas: esse trabalho é uma resposta aos problemas produzidos pela globalização. De uma perspectiva ocidental a idéia de tempo axial de Jaspers é uma referência de pluralismo que se apega também à proposta de uma história universal, única, global.

Devemos resgatar a consciência da nossa igualdade original que se esconde atrás das línguas, das tradições. As diferenças nascem de qualidades que são comuns a todos os seres humanos. E isso pode ser mobilizado para produzir uma nova consciência de nossa comunidade.

Tradução: Daniele Maia Tiago
Revisão: Luiz Sérgio Duarte da Silva